



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM
GRADUAÇÃO EM LETRAS-HABILITAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA
PARFOR – PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DOCENTE

MARCILENE DA SILVA SANTANA

**A ÉTICA NA VISÃO LITERÁRIA DE MACHADO DE ASSIS - CONTOS “A
CARTOMANTE” E “A CARTEIRA”**

BARCARENA/PA
2014

MARCILENE DA SILVA SANTANA

**A ÉTICA NA VISÃO LITERÁRIA DE MACHADO DE ASSIS - CONTOS “A
CARTOMANTE” E “A CARTEIRA”**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC apresentado à Faculdade de Ciências da Linguagem da Universidade Federal do Pará – UFPA como requisito básico para a obtenção do grau em Licenciatura Plena em Letras – Língua Portuguesa, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Júlia Antônia Maués Corrêa.

BARCARENA/PA

2014

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

S231e Santana, Marcilene da Silva.
A ética na visão literária de Machado de Assis - Contos "A
cartomante" e "A carteira" / Marcilene da Silva Santana. — 2014.
50 f. : il. color.

Orientador(a): Prof^ª. Dra. Júlia Antônia Maués Corrêa
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de
Língua Portuguesa, Abaetetuba, 2014.

1. Ética. 2. A carteira. 3. A cartomante. 4. Machado de
Assis. 5. Língua portuguesa. I. Título.

CDD 869.9

MARCILENE DA SILVA SANTANA

**A ÉTICA NA VISÃO LITERÁRIA DE MACHADO DE ASSIS - CONTOS “A
CARTOMANTE” E “A CARTEIRA”**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC apresentado à Faculdade de Ciências da Linguagem da Universidade Federal do Pará – UFPA como requisito básico para a obtenção do grau em Licenciatura Plena em Letras – Língua Portuguesa, sob a orientação da Prof^ª. Dr^ª. Júlia Maués.

BANCA EXAMINADORA:

Prof^ª. Dr^ª. Júlia Antônia Maués Corrêa (Instituto Federal do Pará) (Orientadora)

Prof^ª Karina Paraense (Universidade Federal do Pará) (MEMBRO)

_____ (Universidade Federal do Pará) (MEMBRO)

DATA DA AVALIAÇÃO: 28/04/2014

CONCEITO: **B**

BARCARENA/PA

2014

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais Manoel Goés Santana (*in memoriam*) e Maria Oneide da Silva Santana por me proporcionarem o melhor em educação moral e intelectual, as minhas irmãs Marly Cleide, Marlene, Marlice, Mary Cléia, Mauricélia e Marluce pelo apoio a mim oferecido, a minha filha Isabelle Santana Araújo por compreender minhas ausências, as minhas colegas: Sara Lopes, Rosineide Lima, Waleria Maria, Madalena Silva, Nazaré Paiva, Marivaldo Oliveira e Estelina Rodrigues por estarem sempre ao meu lado nos bons e maus momentos.

AGRADECIMENTOS

À minha filha e família que me apoiaram em todos os momentos. Aos amigos que compreenderam minha ausência durante este tempo.

Aos Professores, em especial Prof^a Me. Glória Regina do Amaral e Prof^o Augusto Pantoja-Sarmento que me auxiliaram e compreenderem minhas dificuldades durante todo o tempo da minha construção acadêmica.

À Prof^a. Dr^a. Júlia Maués que me orientou na realização deste trabalho.

*Imenso amor?
Imenso amor, paixão, violenta
acrescentando que talvez a definição já não
coubesse bem ao atual sentimento da pessoa.
Agora era uma adoração quieta e calada...*

[Machado de Assis](#)

RESUMO

O referido trabalho de pesquisa tem como tema: A ética na visão literária de Machado de Assis – contos “A Carteira” e “A Cartomante” abordando um estudo de caso através dos métodos observacional e monográfico, buscando responder a seguinte problemática: Como abordar o tema ética empregando a literatura como aliada nos contos “A Cartomante” e “A Carteira” de Machado de Assis? De que maneira podemos despertar o gosto pela leitura nos alunos utilizando os contos “A Cartomante” e “A Carteira” de Machado de Assis? Para tanto, utilizamos teóricos como Alfredo Bosi (2012), Antônio Cândido (1993), Massaud Moysés (2007), Roberto Schwarz (2012a, 2012b), Álvaro Valls (1994), entre outros. Observou-se durante a pesquisa, que alguns fatores interferem no processo aprendizagem da disciplina Língua Portuguesa dos alunos do 8º ano/09 da Escola Particular de Educação Infantil e Ensino Fundamental “Centro Educacional Sementinha do Saber”, entre eles, a ausência de uma metodologia que desperte o interesse dos discentes e a falta de dinâmica e de um planejamento que envolva a interdisciplinaridade com os temas transversais, em especial a ética.

PALAVRAS-CHAVE: Ética. A Carteira. A Cartomante. Machado de Assis. Língua Portuguesa.

ABSTRACT

Such research has the theme : Ethics in the literary vision of Machado de Assis - tales "The Wallet" and "The Fortune Teller" addressing a case study through observational and monographic methods in order to answer the following problems: How to address the ethical issue using literature as an ally in the stories "the Fortune Teller" and "the Portfolio" Machado de Assis? How can we awaken a love of reading in students using the tales "The Fortune Teller" and "The Portfolio" Machado de Assis? Therefore, we use as theoretical Alfredo Bosi (2012), Antonio Candido (1993), Moisés Massaud (2007) , Roberto Schwarz (2012a, 2012b), Álvaro Valls (1994), among others. It was observed during the study, some factors interfere in the process of learning Portuguese discipline of students of the 8th ano/09 Private Preschool and Elementary Education "Sementinha Educational Center of Knowledge", among them the lack of a methodology to arouse the interest of students and the lack of dynamics and planning involving interdisciplinary with cross-cutting issues, in particular ethics.

KEYWORDS: Ethic. The Portfolio. The Fortune Teller. Machado de Assis. Portuguese.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO 1 – REVISÃO DA LITERATURA.....	13
1.1 – A relação da ética com as obras machadianas.....	16
1.2 – Contexto Sócio Histórico.....	17
1.3 – Sobre O Autor Das Obras: Machado De Assis.....	19
CAPÍTULO 2 – CONCEITUANDO ÉTICA.....	22
2.1 – A Ética Na Grécia Antiga.....	24
CAPITULO 3 – METODOLOGIA DA PESQUISA.....	28
3.1 – Análise Do Conto “A Carteira”	28
3.2 – Análise Do Conto “A Cartomante”.....	30
CAPITULO 4 – ANÁLISE DOS DADOS.....	36
4.1 – Caracterização Da Escola.....	37
4.2 – Período De Observação.....	38
4.3 – Período De Aplicação Do Projeto.....	41
4.4 – Resultado da Análise.....	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	46
ANEXO – PROJETO DE ENSINO: A ÉTICA NA VISÃO LITERÁRIA DE MACHADO DE ASSIS – CONTOS “A CARTEIRA E A CARTOMANTE”.....	48

INTRODUÇÃO

A literatura brasileira foi criada a partir da literatura europeia, e iniciou-se de forma lenta e gradativamente como um processo de aculturação do português e dos demais envolvidos na colonização do Brasil, perpetrando-se em meio a crises políticas e desequilíbrios histórico-sociais. Nesse contexto, Machado de Assis é considerado o mestre do objetivismo no Brasil e juntamente com outros autores faz parte da escola literária denominada Realismo. (CANDIDO, 1993).

Alguns fatos contribuíram para a ascensão do Realismo, dentre eles a queda da escravidão e do Império, que tornou a vida social e cultural mais intensa. Tais mudanças eram embaladas pelos ideais que fervilhavam na Europa, entre eles o liberalismo, socialismo, positivismo e o cientificismo. No Brasil, Castro Alves e José de Alencar prepararam o terreno para a “cultivação” do Realismo.

O período de passagem do Romantismo para o Realismo com essas várias mudanças na história econômica e político-social mundial evidencia-se na obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), de Machado de Assis.

No Realismo os personagens e enredos são submetidos cegamente às leis naturais. Apesar do “tempero machadiano” tais leis também se tornam opressoras e implacáveis, pois a sociedade, seja esta do século passado ou do atual, é bastante crítica no que concerne ao comportamento humano.

Como referencial teórico abordaremos alguns autores que escreveram sobre a temática machadiana, dentre estes, Bosi (2012), Lúcia Miguel Pereira (1936), Massaud Moisés (2007), Schwarz (2012a; 2012b), entre outros.

Machado sempre viveu à frente de seu tempo. Sendo assim, sentia-se provocado a enxergar o Brasil do ponto de vista liberal sem prender-se à forma arcaica herdada do período da escravidão. Isso o fez perceber que a sociedade vivia de forma errônea, pois de um lado os intelectuais almejavam vivenciar os últimos acontecimentos ocorridos na Europa e de outro adotavam o entendimento econômico burguês envolvido na busca incessante do lucro.

Nesse período, o Brasil vivenciava o desajuste econômico provocado pela máquina do colonialismo e só poderia ser refletido através do instrumental ideológico suscitado pelos próprios articuladores da ação colonizadora, haja vista que, para Machado as ideias não condiziam com a realidade vivenciada pelo povo brasileiro. O que o ajudou em seu ceticismo foi a ficção literária, pois para Schwarz “literatura não é juízo, é figuração”.

Tomando como base os estudos sobre este fascinante autor e as obras escritas por ele, delimitamos como estudo o tema **Ética** relacionando dois contos intitulados “A Cartomante” e “A Carteira”.

As obras realistas, apesar de serem escritas no século XIX, refletem costumes e “desvios” éticos muito observados nos dias atuais. Nessa conjuntura, destacamos a questão do adultério e a não valorização da amizade que põem em risco a preservação da vida. Citamos como exemplo, as personagens Camilo e Rita no conto “A Cartomante” e Gustavo e D. Amélia no conto “A Carteira”.

Nos contos em questão, Machado de Assis mostra o espectro material e pessimista da vida, do mundo e das pessoas. Em tais obras, o autor extingue o final feliz e abreviado para o leitor ao fazer uma análise psicológica das contradições humanas, criando personagens imprevisíveis, apostando nas alusões em que se misturam a inocência e astúcia, franqueza e simulação.

Assim sendo, Machado de Assis convida o leitor para adentrar em sua obra e inferir sobre a estrutura moral das personagens descritas por este. O autor destaca nas duas obras o problema pessoal das personagens femininas que veem no adultério a satisfação para alcançar a felicidade, a traição tanto por parte da mulher como pelo amigo do marido traído. Tais comportamentos são considerados “necessários” por essas personagens como sacrifícios para a sua satisfação afetiva.

Desta forma, neste trabalho pretendemos abordar o aspecto ético em Machado de Assis nos contos “A Carteira” e “A Cartomante” suscitando nos alunos do 8º ano/09 da Escola Particular de Educação Infantil e Ensino Fundamental “Centro Educacional Sementinha do Saber” a reflexão do que concernem valores éticos propostos nos Parâmetros Curriculares Nacionais – temas transversais, cujas temáticas abordam os eixos: cidadania, democracia, ética etc.

A temática abordada justifica-se por ser importante para colaborar na formação de cidadãos críticos e responsáveis por seus atos em relação ao outro. “A questão central das preocupações éticas é a da justiça entendida como inspirada pelos valores de igualdade e equidade.” (PCN, p 26). Ou seja, o tema ética trata de valores e de normas, é uma espécie de manual que orienta o indivíduo para a convivência em sociedade, pois a ética reverencia as ponderações a respeito do comportamento humano, servindo de parâmetro para tal conduta.

Delimitamos como problema de pesquisa a questão da ética, tão presente em nosso cotidiano, destacando como ponto principal temas como a honestidade, a amizade, o amor ao próximo, a religiosidade etc. Tais tópicos se revelarão no decorrer da narrativa em personagens enigmáticos tão presentes nas obras machadiana.

O foco principal deste trabalho é compreender a forma pela qual Machado de Assis desenvolve em suas obras os temas já citados. Neste sentido propusemos as seguintes indagações: 1) Como abordar o tema ética empregando a literatura como aliada nos contos “A Cartomante” e “A Carteira” de Machado de Assis? 2) De que maneira podemos despertar o gosto pela leitura nos alunos utilizando os contos “A Cartomante” e “A Carteira” de Machado de Assis?

Este trabalho justifica-se pela relevância de se estudar o tema “Ética” tão presente na vida cotidiana. Pois, na sociedade em que vivemos é considerado comportamento antiético uma pessoa desempregada “furtar” uma lata de leite para suprir a fome de seu filho, em contrapartida não se julga da mesma forma políticos corruptos que se apropriam de dinheiro público ou grandes empresários que sonégam impostos ou superfaturam preços para tirarem proveito da boa fé que lhes é depositada.

Não é a toa que Machado de Assis é reverenciado por teóricos como Alfredo Bosi, Antonio Candido, Roberto Schwarz e Lúcia Miguel Pereira. Tais autores citam varias obras machadianas que tem em seu enredo temas como adultério (A Cartomante, A Carteira, entre outras), a esperteza (Vire-se Gordo!), a desconfiança (Dom Casmurro) etc.

Nas críticas aos romances de Machado de Assis, portanto, encontramos muitas aproximações e distanciamentos de variados aspectos de sua obra, mas em todo o seu acervo o tema “Ética” pode e deve ser abordado.

Para embasar este trabalho, delimitamos como objetivo geral: Refletir e compreender a importância dos valores éticos que são transmitidos através dos contos “A Cartomante” e “A Carteira” de Machado de Assis, como parâmetro de regularização para uma boa convivência em sociedade. E como objetivos específicos: Identificar de que maneira é abordado o tema ética no planejamento escolar da disciplina Língua Portuguesa; bem como relacionar o tema ‘ética’ nas obras “A Cartomante” e “A Carteira” de Machado de Assis; Explicar com base nos PCN – temas transversais, a importância da ética no processo ensino aprendizagem dos educandos do 8º ano/09; Possibilitar atividades que envolvam as duas obras sugeridas, enfocando a temática proposta; Despertar nos alunos o interesse pela leitura.

Este trabalho está organizado da seguinte maneira: **Introdução** em que são abordados os motivos pelos quais optamos em trabalhar o tema transversal Ética, bem como a problematização e os objetivos que pretendemos alcançar com a aplicação do projeto, objeto deste trabalho.

O **Capítulo 1** enfoca a relação da ética com as duas obras machadianas e o contexto histórico em que estas foram escritas, também apresenta as características do Realismo e os

principais autores desse período literário e finaliza com uma breve biografia do autor das obras: Machado de Assis. O **capítulo 2** apresenta o conceito de ética desde os primórdios da Grécia Antiga, citando filósofos como Sócrates, Platão e Aristóteles. No **capítulo 3** encontra-se a metodologia da pesquisa e as análises dos contos machadianos. O **Capítulo 4** descreve a análise de dados coletados com a aplicação do projeto na turma do 8º ano/09 da Escola Particular de Educação Infantil e Ensino Fundamental “Centro Educacional Sementinha do Saber”. E por fim, as Considerações Finais, as Referências Bibliográficas e os Anexos.

CAPÍTULO 1 – REVISÃO DA LITERATURA

O referencial teórico da pesquisa será a revisão bibliográfica e terá como apoio os PCN de temas transversais, além de teóricos como Lúcia Miguel Pereira, Antônio Cândido, Alfredo Bosi, Roberto Schwarz e o próprio Machado de Assis. Teremos como proposta responder aos questionamentos referentes ao problema levantado hipoteticamente no que concerne ao tema Ética.

Por ser este um trabalho com o enfoque sobre o tema ética nos contos ‘A cartomante’ e ‘A carteira’ do autor Machado de Assis, procuraremos abordar o assunto utilizando como referencial teórico além dos autores já citados, os PCN de temas transversais e Alfredo Valls na obra “O que é Ética?”.

Alguns teóricos preocuparam-se em estudar criticamente as obras machadianas. Dentre estes, citaremos: Antônio Candido, Lúcia Miguel Pereira, Alfredo Bosi, Roberto Schwarz, entre outros.

Para os PCN:

A ética é um dos temas mais trabalhados do pensamento filosófico contemporâneo, mas é também um tema presente no cotidiano de cada um, que faz parte do vocabulário conhecido por quase todos. A reflexão ética traz à luz a discussão sobre a liberdade de escolha. A ética interroga sobre a legitimidade de práticas e valores consagrados pela tradição e pelo costume. Abrange tanto a crítica das relações entre os grupos, dos grupos nas instituições e perante elas, quanto a dimensão das ações pessoais. Trata-se, portanto de discutir o sentido ético da convivência humana nas suas relações com várias dimensões da vida social: o ambiente, a cultura, a sexualidade e a saúde. (PCN, p. 25)

Lúcia Miguel Pereira tem verdadeiro fascínio pela vida do escritor Machado de Assis. Iniciou seu estudo machadiano com a publicação em 1936 do livro **Machado de Assis: estudo crítico e biográfico**, 5ª edição. Esta obra é considerada por muitos “um dos textos decisivos para a guinada interpretativa de base psicológica, que renovou a recepção da obra de Machado de Assis, e até hoje é considerado um dos clássicos da fortuna crítica do romancista” (WERNECK, 1996, p. 89 *apud* Debus *in* A Recepção Crítica de Machado de Assis).

A autora penetra no mundo da produção machadiana utilizando para isso a biografia do escritor. Esta enfatiza que “apesar dos choques que a cor, essa fatalidade, e a doença, outra fatalidade, lhe suscitariam sem dúvida a cada momento, devia ser feliz” (PEREIRA, 1936, p. 67). O desejo de ascender socialmente o tornou um autodidata.

Segundo Pereira (1936), o escritor consegue chegar à perfeição no gênero conto, pois o romance por ser uma narrativa mais longa e ter muitas intromissões do autor à narrativa, apesar de

ter encanto, por vezes torna-se tedioso. Já o conto por ser um texto mais compacto ganha em harmonia e em capricho. (PEREIRA, 1936, p. 225).

Para Cândido (1995), Machado de Assis foi a seu tempo o maior escritor brasileiro. Suas obras perpassaram séculos e continuam abordando assuntos tão atuais em pleno século XXI. “Machado de Assis, enigmático e bifronte, olhando para o passado e para o futuro, escondendo um mundo estranho e original sob a neutralidade aparente das suas histórias ‘que todos podiam ler’” (CANDIDO, 1995, p. 2).

Alfredo Bosi em seu livro **Machado de Assis: O enigma no olhar** retrata um Machado com uma vasta riqueza em combinar aspectos da sociedade no que concerne a expressão de sentimentos e a relação humana em si:

A um tempo crítica e cética da realidade social - com a expressão de uma subjetividade plena, mas de vazio existencial, cujo regozijo, tragédia subterrânea, é o potencial de análise e compreensão de si e do mundo” (BOSI, 1999, p.152).

Nesta obra, Bosi destaca a escrita de Machado, ressaltando que esta não cai em dogmatismo e nem se abrevia a formulas pré-concebidas, destaca também que, apesar de já haverem se passado mais de cem anos da morte do escritor ainda persiste a ambição de se compreender a "densidade do olhar machadiano" (BOSI, 1999, p. 154).

Quanto à questão da ‘ética’,

Didaticamente, costuma-se separar os problemas teóricos da ética em dois campos: no primeiro, os problemas gerais e fundamentais (como liberdade, consciência, bem, valor, lei e outros); e num, os problemas específicos, de aplicação concreta, como os problemas da ética profissional, da ética política, de ética sexual, da ética matrimonial, da bioética, etc. É um procedimento didático ou acadêmico, pois na vida real eles não vêm assim separados (VALLS, 1994, p. 8).

Para Valls (1994, p. 9), as questões da ética nos aparecem a cada dia. O autor trata da questão dizendo que poderíamos nos perguntar se, num país capitalista, o princípio do lucro poderia ou deveria situar-se acima ou abaixo das leis da ética. E em épocas mais difíceis, muitas vezes nos perguntamos se uma lei injusta de um Estado autoritário precisa ou não ser obedecida. E quando nós temos um "problema de consciência", quando estamos com um "sentimento de culpa", coisa que ocorre a todos, não se torna importante saber se este sentimento corresponde de fato a uma culpa real? Cabe à reflexão ética perguntar se o homem pode realmente ser culpado, ou se o que existe é apenas um sentimento de um mal-estar sem fundamento.

Pretendemos fazer, neste estudo, uma correlação entre as obras de Machado de Assis e a ética, à medida que analisarmos o comportamento ético dos personagens nas obras **A Cartomante** e **A Carteira**. Para tanto, lançaremos mão dos estudos de Roberto Schwarz, em *Ao vencedor as batatas* (2012), quando o crítico começou a desenvolver sua interpretação – altamente original – do que representava para nós a obra de Machado de Assis.

De certo modo, ele pressupunha toda uma preparação histórica, que tornara possível o aparecimento do nosso maior escritor. A preparação tinha sido estudada por Antônio Candido, na obra *Formação da literatura brasileira*. A nossa literatura, antes de constituir um “sistema”, tinha passado por um momento “universalizante” e por um momento marcado pela preocupação acentuada com “a cor local”. E Machado era a síntese dos dois momentos anteriores.

Em relação à problemática sociológica Bueno (2007) afirma que Schwarz,

Desde cedo resgata Machado de Assis de uma longa tradição conformista, que continua em nossa época, ao mesmo tempo em que definia o lugar e as tarefas de um crítico marxista na periferia do capitalismo, fazendo da análise dialética de forma literária e processo social, sempre detida e muito específica, sua pedra de toque e força principal. Por essa linha o crítico soube interpretar a formação de nossa sociedade de modo original e avançado (BUENO 2007, p. 159).

Schwarz mostra que Machado era homem do seu tempo e do seu país; e se sentia desafiado a enxergar a época do ângulo do Brasil (tanto quanto o Brasil do ângulo da época). Os intelectuais brasileiros daquele período, postos a par do que acontecia na Europa, eram liberais; no entanto, integrados na nossa sociedade escravista, se acostumavam a conviver com os ritmos e as aberrações do atraso. De um lado, eles adotavam o raciocínio econômico burguês, comprometido com a busca eficiente do lucro; do outro, porém, eram atraídos pelo “afrouxamento” proveniente da escravidão (o trabalho, na sociedade escravista, não deve ser feito num mínimo de tempo; ao contrário, o tempo precisa ser espichado, para encher e disciplinar o dia do escravo). Machado via essas coisas e se dava conta de que algo estava profundamente errado.

Ao mesmo tempo, o autor mostra aspectos do comportamento social das personagens de Machado de Assis que mostra o desajuste a que o Brasil estava condenado pela máquina do colonialismo só podia ser pensado através do instrumental ideológico elaborado nos próprios centros da ação colonizadora. As ideias, aqui, estavam “fora do lugar”.

O autor mostra que Machado não se iludia com os mitos anêmicos que bastavam para embriagar seus contemporâneos. Num primeiro movimento, ele recua diante dos entusiasmos liberais e sua perspectiva assume características de certo “paternalismo” conservador mais tarde,

num segundo movimento, que atravessa a sua obra da maturidade, ele depura a sua lucidez e alcança, nas palavras de Schwarz, “a desilusão da desilusão”.

Em outra obra de Schwarz intitulada *Um mestre na periferia do capitalismo* (2012) o autor chama a atenção de seus leitores para a gritante superioridade do nível estético das *Memórias Póstumas de Brás Cubas* em comparação com toda a nossa literatura de ficção anterior (inclusive com os romances iniciais do mesmo Machado).

1.1 A relação da ética com as obras machadianas

A ética está presente em varias situações de nosso cotidiano. Ao ler as obras machadianas já citadas, percebemos que estas em seu conteúdo, abordam temas que até os dias atuais despertam repugnância na sociedade. No conto “A Cartomante” as personagens Camilo e Rita apaixonam-se e passam a vivenciar um tórrido caso de amor. Ocorre que Rita é casada com Vilela que é amigo de seu amante. No desenrolar da narrativa percebemos que as personagens não se envergonham do adultério que praticam, ao contrario, Rita consulta uma cartomante, pois sente-se insegura com relação ao amor de Camilo.

Percebemos que existe verossimilhança do tema na obra “A Carteira”, pois também enfoca os temas adultério, traição, falsidade etc.

Apesar de serem abordados tais temas, temos que levar em consideração que:

Literatura não é juízo, é figuração: os movimentos de uma reputada chave que não abra nada têm possivelmente grande interesse literário. Veremos que em Machado de Assis a chave será aberta pela fechadura. (SCHWARZ 2012, p. 42)

Para entendermos melhor a obra machadiana, estudaremos sobre o Realismo, a estética realista e o contexto histórico do qual esta escola literária faz parte. Bosi (2012) comenta sobre a passagem do Romantismo para o Realismo e explica que as cenas escritas são objetivas e claras e isso inclui também a descrição das personagens.

Assim do Romantismo ao Realismo, houve uma passagem do vago ao típico, do idealizante ao factual. Quanto à composição, os narradores realistas brasileiros também procuraram alcançar maior coerência no esquema dos episódios, que passaram a ser regidos não mais por aquela sarabanda de caprichos (...), mas por necessidades objetivas do ambiente (...) ou da estrutura moral das personagens (...). (BOSI 2012, p. 183-184)

Diferentemente do Romantismo, o Realismo em sua estrutura não demonstra o sentimento amargo de forma fatalista. Pelo contrario, como retrata Bosi (2012, p. 183) “o modo de falar (...) revela o grau de empenho do artista em face da realidade”.

1.2 Contexto Sócio Histórico

Na segunda metade do século XIX, a Europa é marcada por grandes mudanças nos campos político, científico, social e religioso.

As ideias do Liberalismo e Democracia ganham mais espaço. Com a evolução das ciências os métodos de experimentação e observação da realidade passam a ser vistos como os únicos capazes de explicar o mundo físico. A estética realista está diretamente ligada a este contexto, pois com a Revolução Industrial os escritores motivados pelas teorias científicas e filosóficas passaram a descrever o homem de forma mais objetiva.

Com o crescimento do comércio e o melhoramento das máquinas, houve importantes reformas sociais, os capitalistas foram privilegiados e tiveram grandes benefícios com os meios de produção. Por outro lado os trabalhadores assalariados viviam em situação precária. Enquanto os capitalistas enriqueciam, a pobreza teve um grande aumento, pois não havia emprego suficiente para a maioria da população.

Bosi (2012) em sua análise sobre o início do Realismo descreve que:

[...] pelos meados do século, desapareceram em todo o Ocidente os suportes do romantismo passadista: não tinham mais função social a velha nobreza e a camada do clero resistente à nacionalização e ao lacaísmo que a Revolução Francesa fizera triunfar na sua primeira fase. Por outro lado a agressividade romântico-liberal das classes médias contra o mundo dos altos negócios se canalizou para o socialismo. Assim, dos anos 60 em diante, só haverá duas vertentes ideológicas relevantes na Europa culta: o pensamento burguês, conservador (outrora, radical, em face da tradição aristocrática), e o pensamento das classes médias (ou, em raros casos de consciência de classe, dos proletários), que assume os vários matizes de liberalismo republicano e de socialismo”. (p. 176-177)

Com relação à literatura, tais mudanças deram início a partir de 1850, com a reação dos escritores contra o idealismo romântico que, após verificarem a objetividade das ciências (Química, Física, Biologia etc.) perceberam que não havia mais razão para continuarem presos a sentimentalismos doentios, a um idealismo dissociado da realidade, a demonstrações fingidas da paixão amorosa e a idealização de um mundo ilusório apregoadado pelo romantismo.

Tais letrados ao perceberem que estavam perdendo “terreno” para o campo da objetividade começaram a inserir em suas obras a realidade, não aquela alterada pelos românticos, mas a legítima sem estratégias ou enfeites passou a mostrar a faceta do dia-a-dia massacrante, do amor corrompido, da falsidade e do egoísmo humano, da impotência do homem banal perante os influentes.

Segundo o mesmo autor:

No plano da invenção ficcional e poética, o primeiro reflexo sensível é a descida de tom no modo de o escritor relacionar-se com a matéria de sua obra. (...) O romântico não teme as demasias do sentimento nem os riscos da ênfase patriótica; nem falseia de proposito a realidade, como anacronicamente se poderia hoje inferir: é a sua forma mental que está saturada de projeções e identificações violentas, resultando-lhe natural e mitização dos temas que escolhe. Ora, é esse complexo ideo-afetivo que vai cedendo a um processo de crítica na literatura dita ‘realista’. Há um esforço, por parte do escritor antirromântico, de acercar-se impessoalmente dos objetos, das pessoas. E uma sede de objetividade que responde aos métodos científicos cada vez mais exatos nas últimas décadas do século. (BOSI 2012, p. 177)

Em meio a tantas mudanças no contexto mundial, surge na França, em 1857, o Realismo com a publicação de “[Madame Bovary](#)”, de Gustave Flaubert. Tal obra aborda como tema a mediocridade da vida burguesa.

O livro narra a história da personagem Emma Bovary, que apesar de ter sido criada com educação e possuir como ideal o romantismo burguês, entendia-se com seu casamento e torna-se “presa” fácil de conquistadores. Por razão de seu adultério (fato este antiético e censurado até os dias atuais pela sociedade) é condenada a morte. Além de criticar a sociedade burguesa, essa morte simbólica representa o fim do Romantismo.

No Realismo o conflito entre o indivíduo e o mundo, as ilusões e a existência, são reveladas em todas as situações vivenciadas em um determinado período histórico.

O Brasil também passava por grandes mudanças em seu cenário. Em 1870 iniciam-se os primeiros sintomas da agitação cultural, sobretudo nas academias de Recife, São Paulo, Bahia e Rio de Janeiro, devido aos seus contatos frequentes com as grandes cidades europeias. Além disso, houve também uma transformação no aspecto social com o surgimento da população urbana, a desigualdade econômica e o aparecimento do proletariado.

Segundo Bosi (2012): “É à ‘Escola do Recife’, isto é, a Tobias Barreto e a seu discípulo fiel, Silvio Romero, que se deve a primeira transposição dessa realidade em termos de consciência cultural.” (p. 175)

O marco do Realismo no Brasil foram as publicações de “Memórias Póstumas de Brás Cubas” de Machado de Assis e “[O Mulato](#)” de [Aluísio Azevedo](#), em 1881.

O Brasil vivenciou duas décadas de vigência do Realismo e do Naturalismo. Este período foi bastante conturbado, pois o país passava por grandes mudanças em sua história social, política, econômica e literária. Muitos fatos foram importantes, mas destacaremos a abolição da escravatura (1888), a Proclamação da República (1889) e as revoltas militares.

Para Bosi (2012):

O tema da Abolição e, em segundo tempo, o da República serão o fulcro das opções ideológicas do homem culto brasileiro a partir de 1870. Raras vezes essas lutas estiveram dissociadas: a posição abolicionista, mas fiel aos moldes ingleses da monarquia constitucional (...). Mas a norma foi a expansão de uma ideologia que tomava aos evolucionistas as ideias gerais para demolir a tradição escolástica e o ecletismo de fundo romântico ainda vigente, e pedia à França e aos Estados Unidos modelos de um regime democrático. (p. 174-175)

Os principais autores do período Realista foram **Machado de Assis** – Memórias Póstumas de Brás Cubas -1881 (romance considerado o marco do Realismo no Brasil), Quincas Borba, Dom Casmurro (1899), Esaú e Jacó (1904) e Memorial de Aires (1908) e **Aluísio Azevedo** – O Cortiço (1881) e O Mulato (1890)

1.3 Sobre O Autor Das Obras: Machado De Assis

Joaquim Maria Machado de Assis nasceu no Morro do Livramento (Rio de Janeiro) em 1839 e faleceu em 1908. Seu pai era um pintor mulato e sua mãe lavadeira açoriana. Machado de Assis tornou-se órfão muito cedo e quem o criou foi sua madrasta Maria Inês. Desde criança apresentou os sintomas de sua frágil compleição nervosa, a epilepsia e a gagueira, que o acometeram durante toda a sua existência e lhe deram aparência de reservado e tímido.

Durante sua infância conheceu a leitura e a escrita em uma escola pública, e aprendeu a falar Frances e latim com um padre amigo, Silveira Sarmento. Como autodidata, construiu sua vasta cultura literária lendo autores pouco conhecidos como: Swift, Sterne e Leopoldi. Com dezesseis anos passou a trabalhar na Imprensa Nacional como tipógrafo aprendiz. Aos dezoito, escreve seus primeiros versos para a revistinha *A Marmota*, pouco tempo depois é admitido na redação do Correio Mercantil. Nesse período troca conhecimento com alguns escritores românticos, entre eles:

Casimiro de Abreu, Joaquim Manuel de Macedo, Manuel Antonio de Almeida, Pedro Luís e Quintino Bocaiúva. Este último o introduz em 1960 no Diário do Rio de Janeiro para o qual escreveu as resenhas dos debates do Senado utilizando linguagem sarcástica em função de um ardente liberalismo.

Nesta mesma década escreve quase todas as suas comédias e os versos ainda românticos da obra *Crisálidas* (64). Aos trinta anos casa-se com Carolina Xavier de Novais, senhora portuguesa de boa cultura que foi sua companheira até a morte e sua musa inspiradora da personagem Dona Carmo de *Memorial de Aires*. Após fixar-se em sua carreira burocrática, nosso Machado de Assis pode entregar-se livremente à sua vocação de escritor. De 70 a 80 surgem as seguintes obras: *Contos Fluminenses* (70), *Ressurreição* (72), *Histórias da Meia-Noite* (73), *A Mão e a Luva* (74), *Helena* (76), *Iaiá Garcia*. Essas obras são consideradas da “fase romântica” do escritor.

A partir de 1881 com a obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, o escritor abandona o estilo romântico e inaugura o Realismo no Brasil. Esta segunda fase é considerada para alguns teóricos o ápice das obras machadianas, uma vez que o autor atinge a plena maturidade, seus livros são impregnados de realismo de sondagem moral, confirmadas nas obras seguintes: *Historias Sem Data* (84), *Quincas Borba* (92), *Várias Historias* (96), *Páginas recolhidas* (99), *Dom Casmurro* (1900), *Esau e Jacó* (1904), *Relíquias da Casa Velha* (1906).

Sobre essa fase Bosi (2012) escreve o seguinte:

Depois das felizes observações de Lúcia Miguel-Pereira, já não se pode ignorar o vinco “machadiano” das obras ditas românticas ou da primeira fase: em oposição aos ficcionistas que faziam a apologia da paixão amorosa como único móvel de conduta, o autor de *A Mão e a Luva* e *Iaiá Garcia*, transvestindo o problema pessoal em personagens femininas, defende a ambição de mudar de classe e a procura de um novo *status*, mesmo à custa de sacrifícios no plano afetivo. A ética ainda idealista que preside a esses enredos não esbate, porém, a ênfase posta em situações onde logra êxito o cálculo [...] (BOSI 2012, p. 187-188).

Pela consagração de suas obras que o tornaram imortal, Machado de Assis é considerado o maior romancista brasileiro, foi um dos fundadores e primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras, promoveu os poetas parnasianos e tinha uma estreita relação com os maiores intelectuais de seu tempo, dentre eles: Veríssimo, Nabuco, Taunay e Graça Aranha. Seu último romance foi *Memorial de Aires* (1908), escrito após a morte de Carolina. Após o falecimento de sua amada esposa, Machado pouco sobreviveu. Nosso consagrado escritor morreu vitimado por uma úlcera cancerosa, aos sessenta e nove anos de idade.

Muitos escritores ocuparam-se em escrever sobre Machado de Assis, destacaremos alguns: José Veríssimo (*Estudos Brasileiros II*), Silvio Romero (*Machado de Assis: Estudo Comparativo de*

Literatura Brasileira), Alcides Maya (Machado de Assis: Algumas notas sobre o humor), Afrânio Coutinho (A filosofia de Machado de Assis), Barreto Filho (Introdução à Machado de Assis), entre outras.

CAPÍTULO 2 – CONCEITUANDO ÉTICA

A ética tradicionalmente é entendida como um estudo ou uma reflexão, científica ou filosófica, e em algumas vezes também religiosa sobre o comportamento humano. Para Valls (1994, p. 7) “A ética pode ser o estudo das ações ou dos costumes, e pode ser a própria realização de um tipo de comportamento.”

Deste modo, a ética é a ciência que estuda a liberdade humana, em suas concretizações práticas. Em que situa-se o estudo que faz indagações sobre a liberdade e como esta deveria ser definida teoricamente, e ser vivida na prática. Em se tratando de liberdade, existe sempre o questionamento sobre o bem e o mal, como também o problema da consciência moral e outros que envolvam a moralidade. (VALLS 1994, p.7)

Sobre os costumes, só existem por escrito depoimentos sobre as normas de comportamentos dos últimos milênios, apesar de a humanidade existir há muito mais tempo. Não se têm relatos escritos sobre o comportamento ético dos homens das cavernas que habitaram a terra há mais de trinta mil anos, bem como o conhecimento de normas políticas que vigoravam na pré-história.

Em relação às teorias da ética, existem documentos de grande relevância, de há pelo menos dois mil e quinhentos anos, que correspondem ao comportamento dos gregos antigos. Tais apontamentos demonstram o tipo de organização social desta sociedade. Inclusive o distanciamento das doutrinas éticas escritas pelos filósofos dos costumes reais da população das diferentes classes sociais, tanto do Egito, quanto da Grécia, Roma e outros países mais antigos. (VALLS 1994, p. 12).

Quando não existem documentos escritos, o conhecimento que se tem sobre a ética vigente em uma determinada sociedade dar-se-á através de documentos não escritos ou não filosóficos, como por exemplo, “pinturas, esculturas, tragédias e comédias, formulações jurídicas, como as do Direito Romano, a política, como as leis de Esparta ou Atenas, livros de medicina, relatórios históricos de expedições guerreiras e até os *livros penitenciais* dos bispos medievais.” (VALLS 1994, p. 12)

Sobre a diversidade dos costumes das sociedades mais antigas, Valls (1994) escreve o seguinte:

Como não se admirar diante da diversidade dos costumes, pesquisando, por exemplo, o que os gregos pensavam da pederastia, ou os casos em que os romanos podiam abandonar uma criança recém-nascida, ou as relações entre o direito de propriedade e o "não cobiçar a mulher do próximo" dos judeus antigos, ou a escala de valores que transparece nos livros penitenciais da Idade Média, quando o casamento com uma prima em quinto grau constituía uma culpa mais grave do que o abuso sexual de uma empregada do castelo, ou quando o concubinato, mesmo

dos padres, era uma forma de regulamentar eficazmente o direito da herança? (p. 13)

Percebemos assim, que tanto os costumes como os valores que o acompanham variam no decorrer do tempo. Como também as normas concretas e os ideais construídos pelo povo.

O grego Sócrates, por exemplo, só foi considerado “o fundador da moral” muitos séculos depois de sua morte. Isso se deve pelo fato de seu conceito de ética não se basear apenas nos costumes do povo e seus ancestrais, e não somente nas leis exteriores, mas “na convicção pessoal adquirida através de um processo de consulta ao seu “demônio interior” (como ele dizia), na tentativa de compreender a justiça das leis”. (VALLS 1994, p. 17)

Para Valls (1994, p. 18)

Sócrates seria então, para muitos, o primeiro grande pensador da subjetividade, o que, aliás, também transparecia por seu comportamento irônico. Pois a ironia (que alguns traduzem como uma ignorância fingida, mas que deve ser muito mais do que isto) sempre estabelece uma diferença entre o que eu digo e o que eu quero dizer, e assim entre a formulação e o sentido das proposições – uma distância, portanto, entre o exterior e o interior. (VALLS 1994, p. 18)

Tomando como base o movimento de interiorização e reflexão socrático, surge no final do século XVIII Kant, um novo filósofo que também preocupou-se em estudar a ética humana.

Sobre a filosofia kantiana, Valls escreve o seguinte:

Kant buscava uma ética de validade universal, que se apoiasse apenas na igualdade fundamental entre os homens. Sua filosofia se volta sempre, em primeiro lugar, para o homem, e se chama *filosofia transcendental* porque busca encontrar no homem as condições de possibilidade do conhecimento verdadeiro e do agir livre. No centro das questões éticas, aparece o *dever*, ou obrigação moral, uma necessidade diferente da natural, ou da matemática, pois necessidade para uma liberdade. O dever obriga moralmente a consciência moral livre, a vontade verdadeiramente boa deve agir sempre conforme o dever e por respeito ao dever. Partindo do pressuposto, típico do movimento iluminista que acompanhou a ascensão da burguesia, da igualdade básica entre os homens, Kant achava que a igualdade entre os homens era fundamental para o desenvolvimento de uma ética universal. (VALLS 1994, p.18-19)

Para Kant a moral deve ser racional, possível para todos os homens assim como para qualquer ser racional. “Se a moral é a racionalidade do sujeito, este deve agir de acordo com o dever e somente por respeito ao dever: *porque é dever*, eis o único motivo válido da ação moral”. (VALLS 1994, p. 20)

Para compreendermos melhor a questão sobre o conceito de ética, faz-se necessário que voltemos no tempo, mais precisamente para a Grécia antiga.

2.1 A Ética Na Grécia Antiga

O pensamento grego teve seu período áureo entre os anos 500 e 300 a.C. Neste tempo surgiram muitas teorias e ideias que estão presentes até os dias atuais. Apesar de terem surgido muitos pensadores neste período responsáveis por todo o conhecimento e saber da antiguidade grega, bem como a análise e a reflexão sobre o comportamento humano, vale destacar três: Sócrates, Platão e Aristóteles.

A ética grega tem como reflexão a natureza do bem e do mal e resulta da conjuntura religiosa, mais precisamente do santuário de Delfos do deus Apolo. Nos Diálogos de Platão (427-347 a.C.) existem escritos de que todos os homens buscam a felicidade.

A maioria das doutrinas gregas colocava, realmente, a busca da felicidade no centro das preocupações éticas. Mas não se deve pensar, daí, que Platão pregava um egoísmo rasteiro. Pelo contrário, ao pesquisar as noções de prazer, sabedoria prática e virtude, colocava-se sempre a grande questão: onde está o *Sumo Bem*? (VALLS 1994, p. 25)

Percebemos que a discussão entre os gregos antigos sobre o mundo e a harmonia cósmica determinou doutrinas práticas que, de certa maneira buscavam nortear a ação dos indivíduos para uma vida voltada para o bem, em que a virtude e a harmonia deveriam estar voltadas para a natureza.

Na antiguidade, a religião grega assim como a maioria das religiões antigas, baseava-se no naturalismo, sendo que os deuses eram personificações dos elementos naturais, como: “o raio, a força, a inteligência, o amor e até a guerra” (VALLS 1994, p. 36). Diferentemente da religião grega, a judaica acredita em um deus que está acima do natural, ou seja, um ser supremo que não se identifica com as forças naturais.

Em se tratando do que é ética ou moral, a diferença entre as religiões da antiguidade tem implicações densas, pois:

[...] quando o homem se pergunta como deve agir, não pode mais satisfazer-se com a resposta que manda agir de acordo com a natureza, mas deve adotar uma nova posição que manda agir de acordo com a vontade do Deus pessoal. Para que isto seja praticamente viável, torna-se necessário conhecer a vontade deste Deus pessoal, e a filosofia sente a necessidade de uma ajuda fundamental fora dela: os homens procuram a *revelação de Deus*. A revelação de Deus não é uma exposição

teórica, mas é toda ela voltada para a educação e o aperfeiçoamento do homem. O homem busca ser santo, como Deus no céu é santo. (VALLS 1994, p. 36)

Em se tratando dos ensinamentos em relação à religião de Abraão e Moisés, os preceitos de Jesus Cristo é apenas a extensão dos ensinamentos dos grandes profetas bíblicos. Jesus Cristo não nega a Lei de Moisés, mas a concerne em uma doutrina renovada, o princípio do amor.

[...] Este amor é agora diferente do amor grego e mesmo do amor judaico aos seus, pois inclui o perdão e muitas outras coisas *duras de ouvir*. E principalmente é um amor que vem de *cima*: Deus nos amou primeiro, por isso, na relação com os irmãos (que são agora todos os homens, resumidos na categoria do *próximo*) cada um deve procurar amar primeiro. A religião trouxe, sem dúvida alguma, um grande progresso moral à humanidade. A meta da vida moral foi colocada mais alto, numa santidade, sinônimo de um amor perfeito, e que deveria ser buscada, mesmo que fosse inatingível. (VALLS 1994, p. 36-37)

A religião contribuiu de forma intensa no desenvolvimento moral da humanidade. Colocando a vida moral do ser humano num patamar de santidade, sinônimo de amor perfeito. Neste sentido, a religião serviu de grande estímulo para os estudos filosóficos e moralistas, levantando novidades sobre o relacionamento entre a natureza e a liberdade, a valorização e relativização do prazer, do egoísmo, do sofrimento etc.

Finalmente, todos sabem que as influências de uma certa visão religiosa, que não explicava bem o que entendia por *carne* (sinônimo de pecado), em muitas épocas foram responsáveis por um moralismo centrado nas questões do sexo. (VALLS 1994, p. 37)

Foi na Idade Média que houve maior preocupação com o pensamento ético, pois nesse período, conhecido como o período cristão do Ocidente, a ética esteve bastante ligada à religião e a teologia, ou seja, surgiu a inquietação em interpretar a Bíblia e os seus ensinamentos sobre a questão ética e moral pregada pelos antigos profetas do Antigo Testamento e continuada pelos estudos de Jesus Cristo e seus discípulos que, através de parábolas expressavam ensinamentos condizentes com a ética e a moral.

Após a Idade Média europeia, no período correspondente aos últimos cinco séculos conhecido como Idade Moderna, surgiram duas tendências:

[...] busca da uma ética laica, racional (apenas), muitas vezes baseada numa lei natural ou numa estrutura (transcendental) da subjetividade humana, que se supõe comum a todos os homens, e, por outro lado, novas formas de síntese entre o pensamento ético-filosófico e a doutrina da Revelação (especialmente a cristã"). (VALLS 1994, p. 38)

Percebemos que todos os estudos relacionados à ética sempre estão vinculados aos gregos, que tinham como ideal ético a busca incessante na prática do Bem (Platão), ou na procura da felicidade que consistia em ter uma vida organizada e correta, em que as competências elevadas do homem apresentassem a primazia, sendo que as demais habilidades não deveriam ser desprezadas, pois o homem por ser um ser substancial e miscigenado, precisava de muitas ocorrências (Aristóteles).

Além das teorias dos filósofos Platão e Aristóteles, o ideal ético para outros gregos estava ligado à natureza e a harmonia do homem com o cosmos. Para estes, o sentido de viver consistia em conviver harmonicamente com a natureza de acordo com as leis premeditadas por Deus. Contudo, no cristianismo os ideais éticos se moldavam à religião, o homem “viveria para conhecer, amar e servir a Deus, diretamente e em seus irmãos.” (VALLS 1994, p. 44), ou seja, o ideal ético resume-se a uma vida espiritual em que o espírito, vida de amor e a fraternidade deveriam estar combinados harmonicamente. Porém, a dualidade em que o homem separa, por exemplo, o céu e a terra, a vida e a morte, o amor a Deus e o amor aos homens, acabaram por impedir o cumprimento dos ideais éticos do cristianismo.

Por volta dos séculos XV ao XVIII, com a ascensão da burguesia e o aparecimento do Renascimento e do Iluminismo, apareceram diferentes feições éticas:

O ideal seria viver de acordo com a própria liberdade pessoal, e em termos sociais o grande lema foi o dos franceses: liberdade, igualdade, fraternidade. (Há quem afirme que a Revolução Francesa buscou concretizar apenas a liberdade, a Russa, a igualdade e a Africana, ou a do Terceiro Mundo, a fraternidade.) O grande pensador da burguesia e do Iluminismo, Kant, identificou bastante, como temos visto, o ideal ético com o ideal da autonomia individual. O homem racional, autônomo, autodeterminado, aquele que age segundo a razão e a liberdade, eis o critério da moralidade. (VALLS 1994, p. 45)

Opondo-se ao ideal ético cristão, o pensamento social e dialético buscou como imaginário ético, uma vida social mais justa, superando as injustiças econômicas que separavam os homens de acordo com suas posições sociais. Voltando-se mais para as relações sociais, a ética preocupa-se mais com os acontecimentos terrenos do que com os celestiais, procurando construir um mundo mais humanizado, acentuando o aspecto de uma justiça econômica apesar de esta não ser a única particularidade deste “céu”.

Atualmente a maioria dos países ricos apresentam características semelhantes à busca grega do prazer, porém diferentemente da ética grega, essa procura não é tão moderada. Após o século XIX, época do avanço capitalista, houve grandes batalhas em defesa do capital ou posse dos bens

materiais. Em nome da defesa da propriedade de capital, houve grande derramamento de sangue muita injustiça cometida.

Percebe-se que a reflexão ético social do século XX teve mudanças significativas, pois atualmente a maioria das pessoas não se comportam mais eticamente, mesmo assim seu comportamento não é considerado imoral, mas amoral. (VALLS 1994, p. 47)

Ligada à ética está a liberdade. A princípio, a ética nos remete às normas e responsabilidades, mas de nada adianta cumprir normas e ser responsável se não partirmos da suposição de que o homem é verdadeiramente livre, ou pode sê-lo. A norma tem como objetivo nos lembrar de como devemos ou não agir.

A ética é referente às ações humanas, sendo assim se o determinismo dessas ações é total, então não existe ética, já que as doutrinas éticas se articulam nesses dois extremos: o determinismo e a liberdade. As tragédias gregas tinham como determinismo a fatalidade, ou seja, o destino era quem determinava o que tinha que acontecer. Tendo o fatalismo como determinante das ações humanas, não pode existir liberdade e nem presente ou futuro, pois tudo “já está escrito”. Esse determinismo está presente na religião que apregoa a existência de *um Deus dominador a qual determina que “tudo o que fazemos é decidido por ele, de modo que não temos liberdade”*. (VALLS 1994, p.49)

CAPITULO 3 – METODOLOGIA DA PESQUISA

A escolha do tema nos instigou a procurar recursos metodológicos embasados na questão filosófica da Ética, “porque a filosofia encontra-se sempre à procura do que é mais geral, interessando-se pela formulação de uma concepção unificada e unificante do universo”, segundo Marconi & Lakatos, 2010.

A Ética faz parte deste conhecimento, e pode-se assim dizer que ela é de extrema importância para uma boa convivência em sociedade, pois o ser humano é interacionista por natureza, portanto não pode viver isolado, apartado um do outro, mas como um aglomerado ligado e coerente. Assim como a natureza, a sociedade é composta de elementos e acontecimentos vinculados entre si, dependendo uns dos outros e, ao mesmo tempo, condicionando-se mutuamente. E, por vivermos em grupos ou comunidades sociais, faz-se necessário que sigamos algumas regras de convivência. Neste sentido, a Ética torna-se um parâmetro para que, de certa maneira, possamos refletir sobre nossos costumes, comportamentos e a atitude que temos no convívio coletivo.

O trabalho teve como procedimento para a obtenção de dados a pesquisa bibliográfica em artigos acadêmicos, ensaios e livros referentes ao tema, além das obras já citadas de Machado de Assis, bem como a pesquisa de campo realizada na Escola Particular de Educação Infantil e Ensino Fundamental “Centro Educacional Sementinha do Saber”. Trata-se de um recurso da pesquisa qualitativa, pois os personagens das obras serão estudados em suas características ambientais e psicológicas que poderão ser expostas graficamente.

Com a fundamentação filosófica teremos como analisar, descrever e explicar a problematização das obras.

3.1 Análise Do Conto “A Carteira”

O conto “A Carteira” foi publicado por Machado de Assis em 05 de novembro de 1885 no periódico *Gazeta de Notícias* e posteriormente em 1896 reunido no livro *Várias Histórias*.

Apesar de ter sido escrito há mais de um século, a história descreve acontecimentos que são comuns nos dias atuais e objeto de estudo da ética, como: traição, honestidade, fidelidade, amizade, liberdade de escolha etc. Esses fatos fazem parte do contexto de um advogado endividado e o caso amoroso entre sua esposa e o melhor amigo. Machado de Assis ironiza ao personificar uma carteira

que foi perdida por Gustavo e que contem a prova de sua traição, e o dilema de consciência enfrentado por Honório que é a principal vítima do conto.

O texto apresenta a sociedade da época e o sacrifício que as pessoas se submetiam para obter renome na alta sociedade, para isso exibiam bens materiais nos grandes bailes e nos gastos exagerados. Assim, adquirem imensas dívidas sem terem condições de honrarem, como é o caso de Honório.

A princípio, o autor narra as muitas dívidas contraídas por Honório com a intenção de ajudar parentes e agradar a esposa. Este encontra uma carteira “recheada” de dinheiro muito além do valor de sua dívida mais urgente. Eis aí o dilema ético, sua consciência o acusava e lhe dizia que não podia ficar com o dinheiro, porém seu desespero o instigava a permanecer com a carteira.

“A consciência acabou por lhe dizer que não podia, que devia levar a carteira à polícia, ou anunciá-la; mas tão depressa acaba de lhe dizer isto, vinham os apuros da ocasião, e puxavam por ele, e convidavam-no a ir pagar a cocheira. Chegavam mesmo a dizer-lhe que, se fosse ele que a tivesse perdido, ninguém iria entregá-la; insinuação que lhe deu ânimo.” (ASSIS 2011, p. 10-11)

Entretanto, o pano de fundo central do texto é um segredo existente entre a esposa de Honório e Gustavo, advogado e amigo da família. Por estar tão preocupado com suas dívidas pendentes e com o dilema ético se gastava ou não o dinheiro que estava na carteira, Honório não percebeu que dentro desta existia a prova do segredo guardado entre sua esposa e o amigo Gustavo. “[...] achou cartas, que não abriu, bilhetinhos dobrados, que não leu, e por fim um cartão de visita; leu o nome; era de Gustavo.” (ASSIS 2011, p. 11). Tais bilhetinhos era a prova de uma traição, contudo o leitor só descobre o mistério no final do conto.

O conto gira em torno de cinco personagens descritos pelo autor da seguinte maneira:

Honório advogado de poucas causas, contraiu gastos excessivos e endividou-se, mas, por ser muito orgulhoso escondia da família que estava mal financeiramente, inclusive da esposa D. Amélia. Para distrair-se, à noite divertia-se com amigos jogando cartas, falando de política e ouvindo D. Amélia tocar ao piano trechos de música alemã.

D. Amélia, esposa de Honório e mãe de uma menina de quatro anos de idade, sentia-se solitária em relação ao marido, que tentava suprir sua ausência proporcionando a ela bailes, jantares, vestidos e leques. Era talentosa ao piano e aparentava ser uma mulher de boa cultura.

Gustavo C., advogado bem sucedido e amigo íntimo da família de Honório, nutre uma amizade falsa em relação ao amigo, pois é amante de D. Amélia. Demonstrou incompreensão e desconfiança ao receber das mãos de Honório a carteira que havia perdido na rua.

A carteira, que continha bem mais do que a quantia necessária para quitar as dívidas mais urgentes de Honório, além de cartões de visita, esta também guardava cartas e bilhetes, que se fossem abertos por Honório ele descobriria o segredo de uma traição: o caso de amor existente entre sua esposa D. Amélia e seu amigo Gustavo, dono da carteira.

O grande dilema enfrentado por Honório era se devia ou não utilizar um dinheiro que não era seu, mas que foi encontrado na rua, e a princípio ele não sabia a quem pertencia. Porém, a grande quantia que a carteira continha era a solução para os seus problemas. A dúvida do advogado para alguns seria uma atitude desonesta, para outros uma casualidade do destino. Eticamente o caráter de Honório foi incontestável. Apesar de estar extremamente endividado, ele agiu como qualquer cidadão consciente e conhecedor de seus deveres faria, pois apesar de seus problemas financeiros permaneceu honesto.

Mais uma vez Machado de Assis usou de ironia ao finalizar a narrativa, despertando a reflexão dos leitores e certa dúvida com a situação: será que a infidelidade venceu a integridade? Para o autor seria mera coincidência a fantasia com a realidade? Ser honesto nos impede de desfrutarmos da ajuda do destino para a solução de um problema urgente?

A reflexão ética neste conto deve ser vista de dois pontos extremos: Honório, o advogado endividado não possui a visão privilegiada do leitor, talvez por isso tenha conseguido permanecer honesto e vencer a tentação de ficar com um dinheiro que não lhe pertencia. Por não ter tempo para a família, Honório merece ser traído por sua esposa e pelo amigo Gustavo, dono da carteira?

3.2 Análise Do Conto “A Cartomante”

Machado de Assis publicou o conto a Cartomante em 1884. A narrativa é o relato de um amor proibido entre a bela Rita uma senhora casada e Camilo, melhor amigo de seu marido. Este caso de amor é descrito dentro de uma sociedade recatada como uma experiência conflitante que terminou tragicamente.

Os traços machadianos são marcantes e destacam-se pela sagacidade psicológica que são submetidos seus personagens. O enredo desperta no leitor indagações sobre o agir das personagens e o convida a investigar sobre os acontecimentos ocorridos entre o triângulo amoroso que

culminaram na tragédia que finaliza o conto. Percebemos na leitura da história, que as alterações humanas são traços predominantes realçados por Machado de Assis.

No decorrer da leitura intuímos alguns traços éticos que é o objeto deste trabalho. Uma vez que, por pertencer ao Realismo, a obra “A Cartomante” nos remete a duas conjunturas diferentes: ao passado, pois na ocasião de sua publicação os valores morais eram intensos e rigorosos; e ao presente já que esses mesmos ideais ainda perduram na sociedade atual.

Com exceção da oposição entre a vida e a morte, existe verossimilhança entre as duas obras machadiana “A Cartomante” e “A Carteira”. Nas duas narrativas podemos ver as oposições da vida cotidiana: Amizade e inimizade, confiança e desconfiança, amor e traição, crença e descrença, o belo e o feio, o certo e o errado etc.

Na análise do conto percebemos o uso de algumas metáforas, a atuação das personagens e o enredo conflitante. A obra é narrada em terceira pessoa e o leitor é “convidado” a tirar conclusões sobre o comportamento das personagens. O narrador as apresenta valorizando a temática “ética” dentro da nossa situação social.

A história gira em torno de quatro personagens: os amantes Camila e Rita que são ao mesmo tempo protagonistas e anti-heróis e utilizam a astúcia para corromper a moral de Vilela, o marido traído. Apesar de no início da narrativa o personagem Vilela apresentar ações firmes e mais éticas, representa o papel de antagonista, pois na desenvoltura do enredo ao sofrer as consequências da traição, seu comportamento é alterado e ele adota atitudes imorais e inconcebíveis e não aceitas pela sociedade. Finalmente a Cartomante, personagem antagonista em relação ao triângulo amoroso, uma vez que suas visões sobrenaturais não passam de boatos e seu objetivo é apenas de obter fama e dinheiro à custa da desgraça alheia.

Sobre a caracterização e o aspecto psicológico e moral, podemos observar que no decorrer da narrativa, Camilo apesar de estar completamente apaixonado por Rita, preocupa-se com a amizade de muitos anos com Vilela. Durante todo o enredo há transformações nas atitudes dos personagens. Apenas a Cartomante apresenta-se do início ao fim misteriosa e de caráter duvidoso em relação aos demais personagens. A personagem Rita é descrita como bela e insegura em relação ao amor de Camilo. Preocupada em perder seu grande amor resolve procurar uma cartomante em uma sexta feira de novembro de 1869.

O tempo é cronológico e centra-se no dia, mês e ano. A sexta feira é citada por ser diferente dos demais dias da semana. Em nossa sociedade, este dia é conhecido como o dia do azar em que

ocorrem rituais. Na narrativa, o autor apresenta o ar da sexta feira de maneira sobrenatural. A história inicia-se com uma conversa entre os personagens Rita e Camilo.

HAMLET observa a Horácio que há mais cousas no céu e na terra do que sonha a nossa filosofia. Era a mesma explicação que dava a bela Rita ao moço Camilo, numa sexta-feira de novembro de 1869, quando este ria dela, por ter ido na véspera consultar uma cartomante; a diferença é que o fazia por outras palavras. (ASSIS 2011, p. 361)

A fé no sobrenatural muda no decorrer do tempo. Assim como ocorre na vida real, em que nem todas as pessoas têm confiança em algo, o personagem Camilo é descrito pelo autor no início da narrativa, como cético e irônico e não acredita em alguns fatos naturais, porém quando mais jovem ele nem sempre agiu assim.

Também ele, em criança, e ainda depois, foi supersticioso, teve um arsenal inteiro de crendices, que a mãe lhe inculcou e que aos vinte anos desapareceram. No dia em que deixou cair toda essa vegetação parasita, e ficou só o tronco da religião, ele, como tivesse recebido da mãe ambos os ensinamentos, envolveu-os na mesma dúvida, e logo depois em uma só negação total. Camilo não acreditava em nada. Por quê? Não poderia dizê-lo, não possuía um só argumento: limitava-se a negar tudo. (ASSIS 2011, p. 362)

Contudo, no decorrer do enredo essa atitude de Camilo sofrerá alterações. Percebemos o aspecto psicológico do personagem incluso na história ressaltado pelo autor, quando este apresenta um Camilo mais compenetrado em suas crenças juvenis ao receber um recado de Vilela. Se não atentarmos para essa observação não conseguiremos entender o desfecho da trama.

Existem algumas contradições em relação aos personagens. Apesar de terem idades próximas, o autor apresenta Vilela como um homem centrado, responsável, de boa reputação e casado. Enquanto Camilo o mais jovem dos três, é imaturo, de baixa posição social. Rita, a esposa de Vilela era bonita, insegura e tonta. Era a típica mulher da sociedade da época em que a beleza vale mais do que a inteligência.

A narrativa gira em torno dos três amigos e do dilema da traição. É a beleza de Rita que desperta a paixão em Camilo. “[...] Realmente, era graciosa e viva nos gestos, olhos cálidos, boca fina e interrogativa.” (ASSIS 2011, p. 362). Camilo, apesar de ter 26 anos nos é apresentado como “[...] ingênuo na vida moral e prática. Faltava-lhe tanto a ação do tempo, como os óculos de cristal, que a natureza põe no berço de alguns para adiantar os anos. Nem experiência, nem intuição.” (ASSIS 2011, p. 363). Apesar disso Vilela confiava cegamente em Camilo, seu amigo de infância.

A intimidade entre os amantes cresceu dentro do espaço familiar. Com a chegada do casal da província, Camilo passou a frequentar a residência destes. O autor desenvolve a ação do conto em ideias, que são compreensíveis pelo leitor. No desenrolar da história nos é apresentada uma metáfora: Rita como uma serpente, instala o veneno do amor “[...] Ele ficou atordoado e subjugado. Vexame, sustos, remorsos, desejos, tudo sentiu de mistura, mas a batalha foi curta e a vitória delirante. Adeus, escrúpulos!” (ASSIS 2011, p. 363). Camilo completamente apaixonado e envolvido psicologicamente tem que acomodar-se a essa nova condição. Cabe ao leitor refletir sobre a ética a partir do comportamento dos amantes e as consequências oriundas dos encontros furtivos ocorrido entre os dois.

Não tardou que o sapato se acomodasse ao pé, e aí foram ambos, estrada fora, braços dados, pisando folgadoamente por cima de ervas e pedregulhos, sem padecer nada mais que algumas saudades, quando estavam ausentes um do outro. A confiança e estima de Vilela continuavam a ser as mesmas. (ASSIS 2011, p. 363)

Os fatos se desenvolvem de maneira gradativa e aos poucos, alcança-se o clímax. “Um dia, porém, recebeu Camilo uma carta anônima, que lhe chamava imoral e pérfido, e dizia que a aventura era sabida de todos. Camilo teve medo, e, para desviar as suspeitas, começou a rerear as visitas à casa de Vilela. Este notou-lhe as ausências”. (ASSIS 2011, p. 363). Explicitamente o texto não informa quem é o autor (ou autora) das cartas anônimas enviadas a Camilo, mas ressalta com precisão o “crime” cometido por ele. Com seu segredo descoberto, o amante já apreensivo procura ser mais comedido em suas maneiras, já que “temia que o anônimo fosse ter com Vilela, e a catástrofe viria então sem remédio”. (ASSIS 2011, p. 364)

Após o recebimento das cartas anônimas, Camilo e Rita perceberam a mudança no comportamento de Vilela que tornou-se sombrio, de poucas palavras, como se desconfiasse de algo. Sua preocupação aumentou quando ele recebeu um bilhete de Vilela, que dizia: “vem já, já, à nossa casa; preciso falar-te sem demora”. (ASSIS 2011, p. 364). Essa notícia altera o estado psicológico de Camilo, e as proeminências que se seguem são cada vez mais evidentes.

Percebemos múltiplos argumentos de valor psicológico, inclusive o nervosismo advindo da grande tensão e das muitas desconfianças e inquietudes que assolavam naquele momento o espírito de Camilo que,

“Imaginarmente, viu a ponta da orelha de um drama, Rita subjugada e lacrimosa, Vilela indignado, pegando da pena e escrevendo o bilhete, certo de que ele acudiria, e esperando-o para matá-lo. Camilo estremeceu, tinha medo: depois sorriu

amarelo, e em todo caso repugnava-lhe a ideia de recuar, e foi andando.” (ASSIS 2011, p. 364)

Com o passar do tempo o seu estado psicológico estava cada vez mais alterado. Camilo sentia-se descoberto, pois a mesma pessoa que lhe escrevera as cartas afirmando conhecer seu caso amoroso, poderia também ter escrito para Vilela denunciando os encontros furtivos da esposa com seu melhor amigo.

Camilo ia andando inquieto e nervoso. Não relia o bilhete, mas as palavras estavam decoradas, diante dos olhos, fixas, ou então, [...] eram-lhe murmuradas ao ouvido, com a própria voz de Villela. "Vem já, já, à nossa casa; preciso falar-te sem demora." Ditas assim, pela voz do outro, tinham um tom de mistério e ameaça. [...]. Tanto imaginou o que se iria passar, que chegou a crê-lo e vê-lo. Positivamente, tinha medo. Entrou a cogitar em ir armado, considerando que, se nada houvesse, nada perdia, e a precaução era útil. (ASSIS 2011, p. 365)

Além da mudança de comportamento, é perceptível a transformação na atitude de Camilo com relação a sua fé. “A agitação dele era grande, extraordinária, e do fundo das camadas morais emergiam alguns fantasmas de outro tempo, as velhas crenças, as superstições antigas.” (ASSIS 2011, p. 365). Percebemos que a personagem da Cartomante que até então não significava nada para Camilo, recebe um lugar de destaque, pois este vê no jogo das cartas a esperança de livra-se do indiferente destino. “[...] A ideia de ouvir a cartomante, que lhe passava ao longe, muito longe, com vastas asas cinzentas; desapareceu, reapareceu, e tornou a esvair-se no cérebro; mas daí a pouco moveu outra vez as asas, mais perto, fazendo uns giros concêntricos”. (ASSIS 2011, p. 365)

No decorrer da narrativa, as ações precipitam-se de forma mais dramática. Para Camilo o tempo parece abreviar-se. E sua única solução é consultar-se com a Cartomante.

Deu por si na calçada, ao pé da porta [...], e rápido enfiou pelo corredor, e subiu a escada. [...] Não aparecendo ninguém, teve ideia de descer; mas era tarde, a curiosidade fustigava-lhe o sangue, as fontes latejavam-lhe [...]. Veio uma mulher; era a cartomante. Camilo disse que ia consultá-la, ela fê-lo entrar. [...]. A cartomante fê-lo sentar diante da mesa, e sentou-se do lado oposto [...]. Abriu uma gaveta e tirou um baralho de cartas compridas e enxovalhadas. Enquanto as baralhava, rapidamente, olhava para ele, não de rosto, mas por baixo dos olhos. (ASSIS 2011, p. 366)

Camilo estava tão apavorado em encontrar-se com Vilela que via como única solução para abrandar seu medo uma consulta com a Cartomante. Em seu devaneio, Camilo chegou a cogitar que a casa o convidara para entrar. Encontramos na narrativa outra figura de linguagem “a casa olhava

para ele” (ASSIS 2011, p. 366). Apesar de ser incrédulo, não conseguiu resistir à curiosidade de saber qual seria seu destino, seu sofrimento era tão intenso que necessitava acalmar sua alma.

As palavras ditas pela Cartomante eram as que Camilo precisava escutar para que seu espírito sossegasse. E solveu cada palavra dita pela misteriosa mulher. “[...] Então ela declarou-lhe que não tivesse medo de nada. Nada aconteceria nem a um nem a outro; ele, o terceiro, ignorava tudo”. (ASSIS 2011, p. 367). Com essa declaração, todos os fatos que tanto angustiaram a alma de Camilo são ignorados por este, surgem novos pensamentos e a esperança voltou a sorrir-lhe.

A partir do encontro com a Cartomante, cria-se uma perspectiva do desenlace do conto. Camilo tão envolto em sua recente felicidade, não percebeu o clima pesado existente na casa de Vilela. Essa tensão é apreendida pelo leitor. O tempo agora torna-se mais acelerado “[...] apeou, empurrou-se a porta de ferro do jardim e entrou. A casa estava silenciosa. Subiu os seis degraus de pedra, e mal teve tempo de bater, a porta abriu-se e apareceu Vilela”. (ASSIS 2011, p. 368). Toda a espera do conto torna-se mais emocionante com o encontro dos dois amigos. A ocasião é triunfante a ponto de prender a atenção do leitor.

O personagem Vilela tem seu comportamento alterado e sua aparência já não é a mesma do início da narrativa. Por fim acontece a tragédia que não foi premeditada pela Cartomante. Vilela lava sua honra e o leitor finalmente poderá refletir sobre a atitude que o levaram a cometer este duplo assassinato.

CAPÍTULO 4 – ANÁLISE DOS RESULTADOS

Neste capítulo discorreremos sobre a pesquisa de campo apresentando a metodologia utilizada na execução do projeto “A Ética na visão literária de Machado de Assis – Contos A Carteira e A Cartomante”, bem como a caracterização da escola na qual a pesquisa foi realizada.

Na pesquisa de campo, utilizamos uma abordagem qualitativa, descrita por Chizzotti (2010) como sendo a abordagem que valoriza os aspectos qualitativos dos fenômenos, tendo como parte fundamental a participação do pesquisador, pois este necessita despojar-se de preconceitos, precisa ter predisposição para assumir uma atitude aberta a tudo que observa, sem, contudo adiantar explicações nem conduzir-se pelas aparências, sem antes ter uma visão global dos fenômenos.

Como metodologia, utilizamos o estudo de caso que, conforme ressalta Gil (2010):

Consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou mais objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento.” Define-se, também, um estudo de caso da seguinte maneira: “[...] é uma estratégia de pesquisa que busca examinar um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto. [...] Igualmente, estudos de caso diferem do método histórico, por se referirem ao presente e não ao passado. (GIL 2010, p. 37).

Concordando com Gil (2010), Yin (2001) afirma, que “um estudo de caso é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e contexto não estão claramente definidos”.

Os sujeitos da pesquisa foi uma turma composta por vinte alunos do 8º ano/09 da Escola Particular de Educação Infantil e Ensino Fundamental “Centro Educacional Sementinha do Saber”. Buscamos compreender o valor da atividade pedagógica da disciplina Língua Portuguesa para os educandos, bem como de que maneira podemos despertar o gosto pela leitura nos alunos utilizando os contos “A Cartomante” e “A Carteira” de Machado de Assis, que é um dos objetivos propostos pelo projeto, objeto deste trabalho. Chizzotti (2010) enfatiza que os sujeitos na pesquisa qualitativa são autores de um conhecimento que deve ser elevado pela reflexão coletiva ao conhecimento crítico.

Como instrumento de coleta de dados da pesquisa, adotamos dois métodos: o método observacional e o método monográfico. Escolhemos esses dois procedimentos pelo fato destes serem muito utilizados nas ciências sociais e acharmos necessária suas utilizações para obtermos um bom resultado.

Inicialmente, como análise de dados, observamos a metodologia utilizada pela professora nas aulas da disciplina de Língua Portuguesa. Sobre o método observacional Gil (2008) faz a seguinte observação,

Por um lado, pode ser considerado como o mais primitivo e, conseqüentemente, o mais impreciso. Mas, por outro lado, pode ser tido como um dos mais modernos, visto ser o que possibilita o mais elevado grau de precisão nas ciências sociais.” (GIL, 2008, p. 16).

Após o período de observação aplicamos o projeto que denomina este trabalho. Para esta segunda etapa, foi utilizado o método monográfico, haja vista que nossa metodologia é o estudo de caso. De acordo com Gil (2008), este método tem como princípio de que o estudo de um caso pode ser avaliado como representação de casos análogos. Escolhemos os alunos do 8º ano/09 para examinar o tema selecionado, de modo a observar e analisar se os objetivos da pesquisa foram alcançados.

Nosso primeiro contato foi com a direção da escola. Nos apresentamos como acadêmicas do Curso de Licenciatura Plena em Letras – Língua Portuguesa vinculadas à Universidade Federal do Pará – UFPA, entregamos os documentos fornecidos pela instituição de Nível Superior e expusemos o objetivo geral de nossa pesquisa e o motivo pelo qual a escola foi selecionada para a coleta de dados. Após este momento, nos direcionamos para a coordenação pedagógica e depois para a sala de aula.

4.1 Caracterização Da Escola



Fachada da Escola

A Escola Particular de Educação Infantil e Ensino Fundamental “Centro Educacional Sementinha do Saber” está situada à Rua 15 de Novembro, 200 entre Avenida Magalhães Barata e Trav. Sete de Setembro, Bairro: Betânia, município de Barcarena – PA. A referida foi fundada em 28 de dezembro de 2007, pela professora Sônia Castro.

A instituição escolar possui 257 alunos matriculados e distribuídos em turmas do Jardim I ao 8ºano/09. Seu quadro funcional é composto num total de 30 funcionários, sendo que a maioria dos professores já possui nível superior e os demais estão cursando.

Mesmo sendo de pequeno porte, a escola tem uma boa estrutura física. A unidade escolar possui 07 (sete) salas de aula climatizadas (sendo que as salas do Jardim I e II possuem banheiros), 01(uma) sala que funciona a direção e a coordenação pedagógica, 05 banheiros (02 masculino, 02 feminino, 01para funcionário), 01 (um) banheiro adaptado (masculino/feminino), 01 (um) pátio que também tem a função de refeitório, 01 (uma) pequena lanchonete, 01 (uma) sala de Atendimento Educacional Especializado – AEE, 01(uma) sala de finanças, a escola possui extintor e as aulas de educação física são realizadas fora da instituição.

Apesar de a escola está situada distante do centro de Barcarena, atende alunos de diversos bairros do município. As crianças recebidas pela escola são em sua maioria, oriundas de famílias com renda acima de quatro salários mínimos. Segundo a coordenadora pedagógica, a missão da escola é possibilitar o desenvolvimento integral do aluno de forma lúdica e prazerosa, onde o processo de construção de conhecimentos acontece por meio de atividades e projetos, norteados pelos eixos fundamentais dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN.

A referida profissional ressaltou que a concepção de aprendizagem da escola é fundamentada pelo sociointeracionismo e no construtivismo, pois a instituição acredita que a criança é sujeito ativo no processo de ensino aprendizagem. Enfatizou que a proposta de trabalho da instituição é criar situações de aprendizagem problematizando-as e estimulando o educando a descobrir, criar e produzir, e não apenas ser um expectador do processo educativo, considera que o aluno deve ser coautor no processo ensino aprendizagem.

4.2 Período De Observação

Depois da apresentação à direção e coordenação pedagógica, fomos conduzidas à sala de aula onde seria realizada a pesquisa e fizemos os contatos iniciais com a professora regente e com os alunos da turma selecionada e relatamos a estes o objetivo de nossa pesquisa e expusemos o projeto que pretendíamos desenvolver na escola, mais precisamente na turma do 8º ano/09. Descrevemos a metodologia a ser utilizada e que, primeiramente iríamos observar a proposta da escola na aplicação das aulas da disciplina Língua Portuguesa e em seguida, aplicaríamos o projeto

“A ética na visão literária de Machado de Assis – contos A Carteira e a Cartomante”. Obtivemos resposta positiva tanto da docente como dos educandos em colaborar conosco. Ressaltamos que nossa pesquisa foi realizada no mês de fevereiro de 2014.

No dia seguinte, iniciamos a fase de observação. E percebemos que, apesar da turma possuir somente 20 alunos, torna-se um pouco difícil o trânsito entre os educandos, isso se deve ao fato de a sala de aula ser muito pequena.

No decorrer da observação percebemos que as aulas ministradas pela professora regente eram um pouco monótonas, pois esta sempre solicitava que os alunos fizessem a leitura de textos do Livro Didático e em seguida resolvessem os exercícios propostos. Os alunos estão na faixa etária de 12 a 14 anos e durante a produção das atividades observamos que alguns discentes ficaram dispersos, esperando que os colegas completassem a atividade para depois “colarem”.

No transcurso das atividades, a professora não permitia que os alunos refletissem sobre as respostas que estes deveriam dar aos questionamentos, pois ela (a docente) ao ler as questões já respondia para os educandos. Durante todo o período de observação, em nenhum momento notamos o uso do quadro magnético e nem do caderno, pois todas as atividades eram feitas no livro didático.

Embora em alguns momentos a turma se tornasse um pouco dispersa, estes gostavam de participar e de opinar sobre o que lhes era perguntado. A docente tem um bom relacionamento com a turma. Mas, mostra-se ser uma pessoa introvertida e pouco espontânea, porém é flexível, mas raramente conversa, tenta tirar algumas dúvidas e quando não consegue, aconselha os alunos a pesquisarem na internet.

As aulas não eram dinâmicas, a docente sempre solicitava a leitura de algum texto do Livro Didático, entretanto os conteúdos são compatíveis com a série, estão dentro do Projeto Político Pedagógico (PPP) e da proposta curricular dos PCN.

Observamos que apesar desses percalços os discentes têm uma boa fluência em relação à leitura.

No primeiro dia de observação, a professora começou a aula solicitando que os alunos realizassem a leitura de um texto contido no Livro Didático. Neste dia, havia 18 (dezoito) alunos presentes, destes, dois não participaram das atividades propostas por não possuírem o LD. Após a leitura do texto, a docente fez uma breve explicação sobre o que foi lido e solicitou que os alunos realizassem a atividade referente ao texto que encontrava-se no LD de Língua Portuguesa.

Foi observado que a professora não tinha um plano de aula, e sabemos que este é um instrumento importante na realização do trabalho pedagógico.

Segundo Piletti (2001), o plano de aula:

É a sequência de tudo o que vai ser desenvolvido em um dia letivo. (...) É a sistematização de todas as atividades que se desenvolvem no período de tempo em que o professor e o aluno interagem, numa dinâmica de ensino aprendizagem. (PILETTI, 2001, p. 73)

Percebemos que durante todo o período de observação, as aulas eram sempre ministradas da mesma forma: a docente chegava à sala de aula solicitava aos alunos a leitura de um texto inserido no Livro Didático e em seguida a realização das atividades propostas referentes ao assunto lido. Algumas vezes, os alunos tornavam-se inquietos e dispersos, porém esse fato não despertava nenhuma reação na professora, que parecia não se importar com o comportamento dos educandos.

Também foi observado, que a docente não planejava suas aulas, pois quando indagada sobre o plano de aula, esta não apresentou. Além disso, não havia dinâmica e a metodologia utilizada não condizia com a explanação apresentada para nós pela Coordenadora Pedagógica em nosso primeiro contato com a instituição escolar.

Sobre Planejamento Menegolla & Sant'anna (2001) afirmam que:

É um instrumento direcional de todo processo educacional, pois estabelece e determina as grandes urgências, indica as prioridades básicas, ordena e determina todos os recursos e meios necessários para a consecução de grandes finalidades, metas e objetivos da educação. (MENEGOLLA & SANT'ANNA, 2001, p. 40)

O professor, segundo Pimenta (2000), precisa obter saberes a cerca de sua prática, pois os saberes teóricos se articulam aos saberes da prática, ao mesmo tempo ressignificando-os e sendo eles ressignificados.

Em relação à prática docente Tardif (2011, p. 49), afirma:

O docente raramente atua sozinho. Ele se encontra em interação com outras pessoas, a começar pelos alunos. A atividade docente não é exercida sobre um objeto, sobre um fenômeno a ser conhecido ou uma obra a ser produzida. Ela é realizada concretamente numa rede de interações com outras pessoas, num contexto onde o elemento humano é determinante e dominante e onde estão presentes símbolos, valores, sentimentos, atitudes, que são possíveis de interpretação e decisão. (TARDIF 2011, p. 49).

4.3 Período De Aplicação Do Projeto

A segunda etapa da pesquisa foi a aplicação do projeto. Iniciamos essa fase interagindo com a turma de maneira amigável. Desta maneira, nos sentimos mais próximas dos alunos, haja vista que nosso objetivo era o de revelar a eles que estávamos ali para contribuir com o desenvolvimento de seu conhecimento e no progresso de uma aprendizagem significativa.

No período de observação percebemos que apesar das aulas serem abordadas de maneira um tanto tradicional e de algumas vezes os alunos ficarem um pouco dispersos, estes não apresentaram grandes dificuldades na leitura e escrita. Inclusive participaram bastante respondendo aos questionamentos que lhes fizemos em relação à ética.

Ao apresentarmos o projeto “A Ética Na Visão Literária De Machado De Assis – Contos A Carteira e A Cartomante”, primeiramente apresentamos o autor das obras como o maior escritor da literatura brasileira. Perguntamos aos educandos se eles já haviam ouvido falar sobre o escritor Machado de Assis e se já tinham lido alguma de suas muitas obras, apenas uma aluna respondeu ter lido “A Mão e a Luva”.

Houve grande entusiasmo por parte dos alunos com a descrição resumida do enredo das histórias. Conversamos sobre nossa opção em abordar o tema ética no projeto por este fazer parte do cotidiano e ser essencial na vivência social.

Ao serem indagados sobre o que é ética? Os alunos responderam que é respeitar as leis, é não pegar nada alheio etc., e contaram alguns casos que já presenciaram e julgaram estar certo ou errado.

A aplicação do projeto de ensino foi realizada paralelamente ao conteúdo do Livro Didático repassado pela professora, haja vista que um de nossos objetivos específicos era identificar de que maneira é abordado o tema ética no planejamento escolar da disciplina Língua Portuguesa.

Inicialmente expusemos o resumo dos contos machadianos em slide para uma melhor compreensão por parte dos alunos em relação as duas obras.

Nos dias posteriores foram realizadas as leituras das duas narrativas “A Cartomante” e “A Carteira”, juntamente com os alunos. Durante a leitura, solicitamos aos educandos que identificassem procedimentos éticos no comportamento das personagens.

No decorrer da aplicação do projeto, realizamos duas atividades para “testar” os conhecimentos éticos que os alunos conseguiram identificar no enredo das narrativas. A primeira atividade foi júri-simulado e o conto escolhido foi “A Cartomante”. Os discentes foram divididos

em dois grupos e ficaram afoitos para “julgar” o personagem Vilela. Um grupo achou que o personagem era inocente, pois havia sido traído pela mulher e por seu melhor amigo, outro grupo acusou-o dizendo que havia outras maneiras de se vingar, como por exemplo, o divórcio.

Além da personagem Vilela, foi solicitado que os educandos identificassem (ou julgassem) o comportamento ético das outras personagens da história. Os alunos foram unânimes em “condenar” a Cartomante. Após o “julgamento” explicamos aos alunos que muitos dos comportamentos ocorridos na narrativa, apesar de serem bastante atuais naquela época poderiam ser considerados éticos, pois não era crime o homem traído lavar sua honra e nem uma mulher tornar-se divorciada. Também lhes informamos que a ética muda de acordo com a sociedade e o período histórico.

Outra atividade realizada para conferir os conhecimentos dos alunos em relação à ética, haja vista que este é o foco de nosso trabalho, foi o Debate do conto “A Carteira”. Os educandos tiveram um bom desempenho e se sentiram motivados a participarem, pois nos informaram que durante suas vivências na escola, nunca tinham realizado um debate e tampouco um júri-simulado e que tais atividades por serem mais dinâmicas são mais interessantes e contribuíram muito no entendimento do conceito de ética e na aplicação deste na análise do comportamento das personagens das obras machadianas.

Durante o período de observação o comportamento dos alunos era sempre o mesmo, faziam a leitura solicitada pela professora, respondiam os exercícios propostos e algumas vezes ficavam dispersos. Percebemos maior empolgação quando lhes explicamos de como seriam as atividades propostas no projeto e sempre participavam da leitura dos contos e dos questionamentos propostos.

4.4 Resultado da Análise

A questão da ética transpareceu a partir dos questionamentos que foram realizados durante a aplicação do projeto. No primeiro dia, solicitamos aos alunos que estes nos explicassem qual era o entendimento que tinham sobre a ética. Os educandos responderam que os seres humanos têm comportamentos diferentes uns dos outros e que, alguns não apresentavam uma boa convivência em sociedade, pois “roubavam e cometiam crimes que a população e a polícia não aceitava” (sic).

Durante o período de aplicação do projeto procuramos responder os objetivos propostos no projeto de ensino (anexo) que, de certa maneira foi bastante satisfatória. Pois, ao adentrarmos na sala de aula e percebermos a curiosidade dos alunos, bem como a colaboração da professora regente

em nos apresentar como acadêmicas do Curso de Letras nos fizeram perceber que valeu a pena a elaboração do projeto de ensino.

Através das observações podemos ver a maneira que a professora conduzia suas aulas e a metodologia utilizada, que em nossa opinião está um pouco devassada em relação ao que apregoa os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN no que tange a leitura e escrita dos diferentes gêneros textuais. Porém percebemos que, apesar dos percalços os educandos tinham uma boa relação com a docente e uma fluência adequada em relação à leitura.

Os alunos ficaram muito empolgados com as dinâmicas júri-simulado e debate apresentadas e se sentiram “importantes” em participarem respondendo aos questionamentos enfocados por nós sobre a ética, inclusive nos informaram que nunca haviam exposto nenhum trabalho desta maneira, pois os professores destes não utilizam tais gêneros em suas aulas.

O objetivo do projeto foi alcançado, pois os alunos em sua maioria participaram ativamente de cada etapa realizada.

Compreendemos no decorrer da aplicação do projeto que, para termos uma sociedade mais justa e igualitária, faz-se necessário que a escola cumpra o seu papel que é o de formar cidadãos críticos e conhecedores de seus direitos e deveres, pois é somente através da educação que conseguiremos alcançar tal objetivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema que escolhemos para a elaboração desse trabalho nos possibilitou perceber que a ética é de suma importância para o convívio em sociedade. Nesse sentido, nos propomos a responder ao problema: 1) Como abordar o tema ética empregando a literatura como aliada nos contos “A Cartomante” e “A Carteira” de Machado de Assis? 2) De que maneira podemos despertar o gosto pela leitura nos alunos utilizando os contos “A Cartomante” e “A Carteira” de Machado de Assis?

Assim, de um modo geral, surpreendemo-nos com o interesse dos alunos pelo projeto e ficamos satisfeitas em poder responder às problemáticas do trabalho. Contudo, a ausência de uma metodologia mais dinâmica e a falta de planejamento por parte da professora regente da turma, certamente reduziu o potencial educativo dos alunos em relação às aulas de literatura, bem como dos demais conteúdos da disciplina de Língua Portuguesa. Desse modo, os temas transversais, em especial a ética ainda não ocupa espaço privilegiado na práxis educativa da referida docente.

O objetivo deste trabalho foi alcançado, haja vista que foi proposta a reflexão e compreensão da importância dos valores éticos que são transmitidos através dos contos “A Cartomante” e “A Carteira” de Machado de Assis, como parâmetro de regularização para uma boa convivência em sociedade. Assim como, foi investigada de que maneira é abordado o tema ética no planejamento escolar da disciplina Língua Portuguesa.

Através dos questionamentos, os alunos conseguiram relacionar o tema ‘ética’ nas obras “A Cartomante” e “A Carteira” de Machado de Assis. Outro objetivo alcançado foi o de possibilitar atividades que envolvam as duas obras sugeridas, enfocando a temática proposta.

Por meio deste estudo pudemos verificar como acontece a abordagem de temas transversais na disciplina Língua Portuguesa em especial a ética, bem como a relação com obras literárias, na Escola Particular de Educação Infantil e Ensino Fundamental “Centro Educacional Sementinha do Saber”. Foi possível constatarmos que a interdisciplinaridade com os temas transversais ainda não acontece como deveria. Durante as leituras que realizamos com a participação dos alunos percebemos o entusiasmo dos mesmos, a disposição na interação, principalmente nas atividades propostas.

Ao longo desta pesquisa procuramos refletir sobre a possibilidade de tratar a importância da interdisciplinaridade na sala de aula principalmente na disciplina Língua Portuguesa como conhecimento educacional, sem esquecer as problemáticas que cercam a *práxis* educacional.

Com as atividades júri-simulado e debate concluímos que a execução do projeto na turma do 8º ano/09 da Escola Particular de Educação Infantil e Ensino Fundamental foi de grande relevância no processo ensino aprendizagem desses alunos, que perceberam que uma aula dinâmica torna-se prazerosa e contribui para uma aprendizagem significativa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ASSIS, Machado de. 40 Contos Escolhidos/Machado de Assis. 1ª edição. Rio de Janeiro: BestBolso, 2011.
- BARREIROS, António José. História Da Literatura Portuguesa, vol. II, 13ª edição. Braga: Livraria Editora Pax, Lda, 1992.
- BOSI, Alfredo. História Concisa da Literatura Brasileira. 48ª edição. São Paulo: Editora Cultrix, 2012.
- _____. Machado de Assis: O enigma no olhar. São Paulo: Editora Ática, 1999.
- BUENO, André. Um crítico na periferia do capitalismo – Reflexões sobre a obra de Roberto Schwarz. 2008
- CANDIDO, Antonio. "Esquema de Machado de Assis", in: *Vários escritos*. 3ª ed. rev. e ampl. São Paulo: Duas cidades, 1995, p. 39.
- CHIZZOTTI, Antonio. Pesquisa em ciências humanas e sociais. 11ª edição. São Paulo: Cortez Editora, 2010 (p. 77-85)
- DEBUS, Eliane Santana Dias. A recepção crítica de Machado de Assis. Juiz de Fora, v. 7, n. 13, jan./jun. 2008.
- GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- LAKATOS, Eva Maria & MARCONI, Maria de Andrade. Fundamentos de Metodologia Científica. 7ª ed. São Paulo: Editora Atlas, 2010.
- LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.
- Parâmetros Curriculares Nacionais: apresentação dos temas transversais, ética / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.
- MENEGOLLA, Maximiliano. SANT'ANNA, Ilza Martins. Por que planejar? Como planejar? 10ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- PEREIRA, Lúcia Miguel. Machado de Assis: estudo crítico e biográfico. 5. ed. Rio de Janeiro, 1936.
- PILETTI, Cláudio. Didática Geral. 23ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2001.
- PIMENTA, Selma Garrido. Didática e formação de professores: percursos e perspectivas no Brasil e em Portugal. 2ª ed., São Paulo: Cortez, 2000.

POLITZER, Georges. Princípios elementares de filosofia 9. Ed. Lisboa: Prelo, 1979 _____ .et al. *Princípios elementares de filosofia*. São Paulo: Hemus, [s.d]

TARDIF, Maurice. Saberes docentes e formação profissional. 12. ed., Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

VALLS, Álvaro L. M. O que é ética? Coleção Primeiros Passos - Nº 177. Brasília: Editora Brasiliense, 1994.

<http://www.mundoeducacao.com.br/literatura/o-realismo-no-brasilmachado-assis.htm>. Pesquisa realizada em: 06/08/2013, às 14h15min.

Revista Espaço Acadêmico – Nº 86 – Mensal – Julho de 2008 – Ano VIII – ISSN 1519-6186
<http://www.espacoacademico.com.br/086/86konder.htm>. Pesquisa realizada em: 07/08/2013. Às 11h40min.

<http://www.mundoeducacao.com/literatura/realismo-1.htm>. Acesso realizado em: 18/10/2013, às 13h40min.

ANEXO: PROJETO DE ENSINO